



Artigo de Opinião

**A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA TERAPÊUTICA COMO ESTRATÉGIA DE
DESENVOLVIMENTO PESSOAL E PREVENÇÃO NAS OM**

1° Ten OTT Psico Kelly Cristina Kohn
(Opinião de inteira responsabilidade do autor)

2019

A importância da escuta terapêutica como estratégia de desenvolvimento pessoal e prevenção nas OM

Kelly Cristina Kohn¹

Atuar como Psicóloga em uma Organização Militar (OM) é um desafio diário. Há quase 6 anos, ao ingressar como Oficial Técnica Temporária (OTT) no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de Porto Alegre (CPOR/PA), foi lançado o desafio de acompanhar os alunos que ingressam anualmente na OM para, além de cumprir o serviço militar obrigatório, serem formados aspirantes a oficial em uma arma, quadro ou serviço para o qual dedicam os seus estudos ao longo de 10 meses de instrução.

Ao longo desses 6 anos, mais do que realizar o acompanhamento psicológico e a orientação educacional dos alunos, aos poucos o espaço do fazer psicóloga foi se abrindo para escutas mais amplas, de outros militares da OM que começaram a buscar atendimentos para demandas pessoais diversas. Entre as principais demandas, dificuldades no relacionamento amoroso, questões envolvendo família, dificuldades financeiras, além de estresse e ansiedade figuram como queixas frequentes entre os militares que buscam por um espaço de escuta. Aos poucos, pode-se observar que o espaço de escuta ia muito além do que apenas acolher inicialmente a demanda verbalizada – já que para psicoterapia, é necessário realizar encaminhamento para Organização Militar de Saúde (OMS). O espaço começou a se constituir em realizar uma escuta terapêutica preventiva das situações que mais geravam estresse e ansiedade, notadamente a maioria delas, situações externas à OM, além de prevenção relacionada ao suicídio.

Assim, este artigo de opinião tem como objetivo problematizar acerca da importância da escuta do profissional de psicologia em uma OM para que a prevenção de dificuldades relacionadas à saúde mental possa ser realizada como forma de evitar agravamentos de cunho psicológico. Além do acolhimento e escuta inicial, o trabalho tem sido importante para atuar no desenvolvimento interpessoal dos militares, principalmente no que tange ao trabalho com os alunos, uma vez que identificar as dificuldades e

¹ Doutora (2017) e Mestra (2012) em Psicologia Social pela PUCRS. Psicóloga (2007, PUCRS). 1º Tenente do Exército Brasileiro.

potencialidades do trabalho em grupo, tem auxiliado no desenvolvimento das competências militares.

Inicialmente, realizar um acolhimento da demanda apresentada pelo militar que busca ou que é orientado a buscar atendimento psicológico no CPOR é importante para mapear possíveis problemas que podem interferir, principalmente no caso dos alunos, no seu desenvolvimento e desempenho ao longo do ano de instrução. A escuta terapêutica, nesse caso, torna-se um importante aliado na prevenção e identificação de situações psicológicas que passam a ser acompanhadas, buscando minimizar, sempre que possível, o seu impacto diante do cotidiano da OM.

Uma das possíveis interferências negativas da busca por uma escuta de um profissional de psicologia, é a não aceitação do grupo (principalmente dos pares e superiores hierárquicos) diante da exposição de uma fragilidade emocional, tornando-se por vezes, um impeditivo dessa busca e da continuidade de um acompanhamento adequado para a demanda apresentada. Essa dificuldade de falar sobre seus problemas é enfatizada pelo ambiente – praticamente só de homens – que impõe condutas ligadas à virilidade a fim de atestar o pertencimento ao grupo (Molinier & Welzer-Lang, 2009; Audoin-Rouzeau, 2013). Nesse sentido, quebrar paradigmas e estereótipos da profissão é um trabalho por vezes diário, uma vez que aos poucos tem se percebido a importância do acompanhamento, da prevenção e da identificação inicial de situações psicológicas envolvendo militares.

De forma a assegurar o cumprimento de normas, a finalização de missões e o entendimento das questões hierárquicas e de poder, o Exército constitui-se em uma instituição na qual o grupo possui grande influência nas formas de demonstrar coragem, força e atestar a virilidade. Algumas formas de demonstrar coragem são exigidas pelas forças armadas, pelas polícias e certos grupos de trabalho como o da construção civil que pressionam os companheiros a recusar medidas protetivas de segurança como forma de desafiar o perigo (Bordieu, 1999). Estas pressões encontram respaldo no medo que os homens possuem de parecerem fracos diante dos seus pares.

Ao mesmo tempo que sentimentos deixam de ser revelados, muitos militares, ao longo dos anos de suas carreiras, perceberam a importância de

estarem disponíveis aos seus colegas – superiores e subordinados- para ouvi-los e serem mais receptivos aos problemas e dificuldades que podem interferir nas atividades cotidianas. Nesse sentido, em 2016 o Exército Brasileiro publicou a Portaria Nº 151 DGP de 04 de agosto de 2016 sobre o Programa de Valorização da Vida. Tal Programa consiste em uma série de ações que possibilitam trabalhar preventivamente questões que envolvem o suicídio. Entre algumas dessas ações estão palestras que são realizadas anualmente nas OM a fim de conscientizar o público interno a respeito do tema do suicídio, além de trabalhar os militares como multiplicadores que podem atuar de forma a observar seus pares, superiores e subordinados quando os mesmos apresentarem qualquer alteração no comportamento ou humor que possa indicar alguma dificuldade pela qual o militar esteja passando.

Dessa forma, possibilitar um espaço para que os militares sejam escutados, trabalha a dimensão humana da Força, uma vez que possibilita acolhimento para o sofrimento e um olhar mais cuidadoso para as dificuldades que possam interferir no ambiente de trabalho e familiar.

Referências

Audoin-Rouzeau, S. (2013). Exércitos e guerras: uma brecha no coração do modelo viril? In J.J. Courtine (org.). *História da Virilidade – A virilidade em crise?* (pp 239-268): Editora Vozes.

Bourdieu, P.(1999). *A dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Molinier, P.; & Welzer-Lang, D. (2009). Feminilidade, masculinidade, virilidade.

In H. Hirata; F. Laborie; H. le Doaré; & D. Senotier (Orgs.). *Dicionário Crítico do Feminismo* (pp.101-106). São Paulo: Editora UNESP.

_____. (2016). Portaria Nº 151 do Departamento-Geral do Pessoal. Programa de Valorização da Vida.